



RELATÓRIO ESPECIAL

A diversificação das exportações na América Latina

Madrid, outubro 2016

d+i desenvolvendo
ideias

LLORENTE & CUENCA

I INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO
2. UM VELHO MODELO VIGENTE ATÉ A ATUALIDADE: EXTRATIVISMO E ESCASSA DIVERSIFICAÇÃO EXPORTADORA
3. PRECISA-SE DIVERSIFICAR A ECONOMIA PARA DIVERSIFICAR AS EXPORTAÇÕES
4. NOVAS POSSIBILIDADES PARA UM MERCADO DIFERENTE QUE REQUER DIVERSIFICAÇÃO DE MERCADORIAS COM VALOR AGREGADO
5. AS ECONOMIAS LATINO-AMERICANAS DEVEM CONTINUAR OLHANDO PARA O EXTERIOR

Os extraordinários benefícios obtidos na década 2002-2014 não podem justificar por mais tempo a continuidade de economias baseadas na exportação de commodities, concentradas geralmente em um ou dos produtos. A dependência econômica derivada deste modelo gera uma extraordinária vulnerabilidade, pois as economias latino-americanas dependem das flutuações dos preços destes produtos no mercado internacional. Um menor grau de diversificação produtiva ou um maior grau de concentração exportadora em uns poucos mercados expõem excessivamente uma economia. Por este motivo, todos os organismos internacionais coincidem em assinalar, sem exceção, que este modelo econômico é insustentável.

Em concreto, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) não só coincide com esta opinião, mas também adverte um agravante, já que, como informou, os esforços existentes nesta última década para diversificar as exportações têm girado em torno de produtos básicos e seus derivados, daí a persistente vulnerabilidade perante a debilitação dos preços internacionais¹.

Após anos de expansão econômica proporcionada pelos altos preços de matérias-primas, iniciou-se um período de crise e baixa abrupta no mercado internacional dos preços deste tipo de produtos, o que explica a contração das economias latino-americanas, quando não crises, segundo os países.

Em relação à baixa da demanda mundial, quando se comparam as taxas de crescimento anual das importações que saem da América Latina dos principais parceiros comerciais entre o período de auge (2003-2008) e de estancamento (2011-2014), vê-se que o crescimento anual da demanda da China se reduziu 46 pontos percentuais; a intrarregional e a da União Europeia, 26 pontos; e a dos Estados Unidos, 10 pontos². De fato esta contração do mercado internacional teria gerado a queda dos preços (-15%) e, além disso, não houve

¹ BID, Relatório Anual, "Monitor de Comercio e Integración 2014. Vientos adversos, <http://www19.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2014/14879es.pdf>.

² BID, "Monitor de Comercio e Integración 2015: La recaída: Latinoamérica y el Caribe frente al retroceso del comercio mundial", <https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/7243/Monitor-2015-La-reca%C3%ADda-Am%C3%A9rica-Latina-y-el-Caribe-frente-al-retroceso-del-comercio-mundial.pdf?sequence=1>.

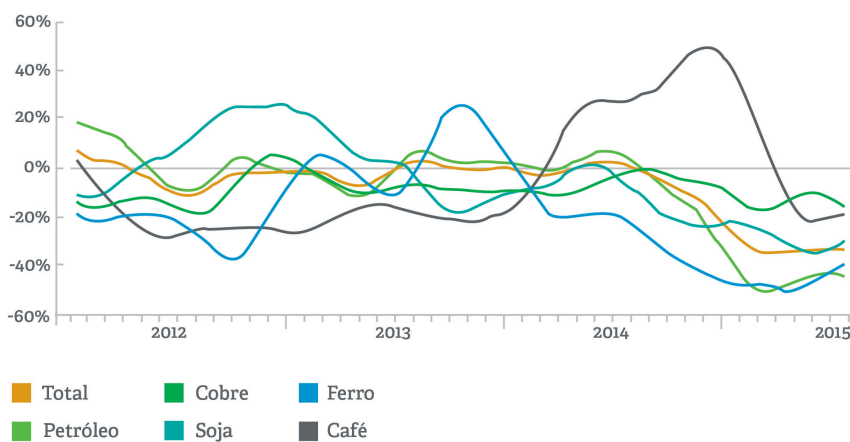
um aumento do volume exportado que pudesse compensar esta queda de preços. Esta situação transformou o triênio 2013-2015 no pior para as exportações regionais desde o período 1931-1933, em plena Grande Depressão³.

Perante esta situação o futuro das economias latino-americanas passa necessariamente por diversificar suas economias com o fim de poder abrir novos mercados. No entanto, para isso é preciso realizar um extraordinário esforço que exige uma mudança no modelo econômico e na mesma concepção de desenvolvimento. Não se trata de vender mais matérias-primas para evitar depender de um ou de dois produtos; na realidade

trata-se de superar este tipo de economia modificando sua estrutura.

A diversificação econômica deve garantir a independência das matérias-primas caracterizadas por uma relação de intercâmbio cada vez mais desfavorável, sob valor agregado e escasso crescimento da produtividade. Daí que a diversificação de exportações signifique mudar o modelo econômico e o próprio conceito de desenvolvimento. Para isso é preciso investir em formação, tecnologia e inovação, com o fim de conseguir mercadorias com maior valor agregado e mais competitivas que tornem possível a diversificação da economia e consequentemente das exportações.

Quadro 1. Preços dos principais produtos de exportação da América Latina e caribe. (Média móvel trimestral da taxa de variação anual, percentagem, 2012-2015)



Fonte: BID Setor de Integração e Comércio com dados do FMI.

Nota: O total corresponde à média ponderada dos índices de preços dos produtos básicos incluídos na estimativa do FMI.

A vulnerabilidade das economias latino-americanas, devido a esta ultradependência, torna-se previsível e nada surpreendente que, ante os vaivens da conjuntura do mercado internacional, esta demanda baixasse abruptamente e tivesse uma grave e imediata repercussão em tais economias. Trata-se de uma situação que pode piorar atendendo à situação do mercado internacional, do qual depende boa parte das economias latino-americanas, já que “o crescimento econômico da América Latina poderia ser ainda mais baixo perante uma desaceleração mais profunda

³ Ibid.

“Apenas mediante a transformação num novo modelo produtivo será possível que a região possa competir com outras potências emergentes”

do crescimento da China e, em menor medida, por um endurecimento mais rápido das condições financeiras dos Estados Unidos”⁴.

TRANSFORMAÇÃO RUMO A UM NOVO MODELO PRODUTIVO

O principal problema é que nestes anos de bonança não se realizaram as reformas estruturais que foram modificando progressivamente o modelo produtivo latino-americano. Longe disso, teve lugar uma reprimarização de tais economias. Certamente durante o ciclo de preços altos de matérias-primas alcançaram-se importantes conquistas como a redução da pobreza ou da desigualdade e o importante crescimento da classe média mediante políticas sociais. Tais políticas foram financiadas pelos rendimentos fiscais proporcionados pela explosão das matérias-primas nestes anos. Esta transformação social, por sua vez, empurrou novos mercados e possibilidades econômicas extraordinárias que teriam proporcionado um passo a mais no processo de desenvolvimento e prosperidade vivenciados. No entanto, por parte destas políticas ser assistencialista e se conseguir graças aos benefícios obtidos por economias extrativistas, e não por mudanças estruturais, sua sustentabilidade não está assegurada. Com a queda dos preços do

mercado internacional, estas políticas não se podem financiar e existe o risco de que as melhoras sociais conquistadas passem por um retrocesso. Com isso a continuidade de passos e progressos para os quais esta prosperidade animava ficaria paralisada, quando não em regressão. Os casos do Equador, Trinidad e Tobago e Venezuela são particularmente significativos. Nestes países os ingressos fiscais do setor de hidrocarbonetos representaram mais de 40% da arrecadação total no período 2010-2013, o que explica que neste momento estes governos se vejam obrigados a abordar importantes restrições nas despesas dedicadas às políticas sociais impulsionadas nos anos anteriores.

Apenas mediante a transformação num novo modelo produtivo será possível que a região possa competir com outras potências emergentes. Para isso é preciso conseguir a diversificação econômica mediante o investimento em tecnologia e conhecimento, infraestruturas, logística e serviços com valor agregado, reproduzindo desta maneira uma economia circular. O resultado final seria reverter uma estrutura que mediante estas profundas mudanças tornasse possível a diversificação do aparato produtivo, agregando maior valor às matérias-primas. Portanto, não se trata de renunciar nem

⁴ Relatório "Perspectivas económicas de Latinoamérica 2015", http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37445/S1420759_es.pdf.

“Nos últimos anos as economias regionais experimentaram taxas de crescimento relativamente baixas entre 2% e 2,5% do PIB e a tendência é baixaraja”

ao mercado internacional nem às exportações, mas muito pelo contrário, de ser mais competitivo.

2. UM VELHO MODELO VIGENTE ATÉ A ATUALIDADE: EXTRATIVISMO E ESCASSA DIVERSIFICAÇÃO EXPORTADORA

Neste momento, o desafio é transformar um modelo econômico vigente desde mediados do século XIX para enfrentar uma crise própria do século XXI. É imprescindível construir economias mais produtivas e competitivas em que prime a inovação e em que exista uma ampla diversificação de produtos. Isto implica a necessidade de investir em conhecimento e em novas tecnologias que garantam a diversificação de uma economia competitiva.

OS SÍNTOMAS DA OBSOLESCÊNCIA DO SISTEMA

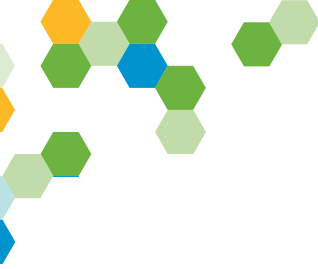
No momento em que baixaram os preços das matérias-primas por causa da situação internacional e mais recentemente pela conjuntura chinesa, é aí que de novo se põem de manifesto os problemas estruturais de economias pouco diversificadas, cujos produtos de exportação carecem de valor agregado e mal têm produção industrial local. As consequên-

cias desta nova fase começam a tornar-se visíveis desde 2012, momento a partir do qual os preços dos produtos primários começam a cair e com eles, de maneira praticamente mecânica, a diminuição dos trepidantes índices de crescimento dos países exportadores destes produtos, entre eles os latino-americanos.

A bonança continuada da década passada refletiu-se de imediato nos índices do crescimento latino-americano. Neste sentido, se por si só a média regional já era significativa, pois o ritmo neste período foi de 5,4%, é ainda mais chamativa se a comparamos com a média na OCDE, a qual não superou 2,3%.

Frente a esta situação, nos últimos anos as economias regionais experimentaram taxas de crescimento relativamente baixas entre 2% e 2,5% do PIB e a tendência é baixar, já que não pode deixar de se assinalar que 2015 é o terceiro ano consecutivo de queda e em 2016 os países da América Latina e Caribe mostrarão uma contração em sua taxa de crescimento de -0,8% em 2016, queda maior que a observada em 2015 (-0,5%), com um comportamento muito heterogêneo entre países e sub-regiões⁵. Esta tendência corresponde à baixa das expor-

⁵ Informe Económico de Latinoamérica y El Caribe, 2016, <http://www.cepal.org/es/publicaciones/40326-estudio-economico-america-latina-caribe-2016-la-agenda-2030-desarrollo>.



“A região enfrenta em sua totalidade a crise das matérias-primas, posto que este modelo econômico é dominante”

tações, pois ambas variáveis têm evoluído em paralelo, o que põe de manifesto a ultradependência das matérias-primas e da flutuação de seus preços no mercado internacional.

Certamente podem dar-se retificações, como a do FMI⁶ de sinal positivo no crescimento econômico, já que prevê uma melhora da região para 2016 e 2017 em um décimo percentual e se reduz a contração prevista este ano para a América Latina em 0,4%; enquanto se eleva o crescimento esperado para 2017 para 1,6%. Estas variações, embora sejam uma boa notícia, na realidade remetem a questões conjunturais mas sem transcendência para uma mudança que deve ser de natureza estrutural.

Certamente a região enfrenta em sua totalidade a crise das matérias-primas, posto que este modelo econômico é dominante. No entanto, dentro deste padrão, há economias

com maior ou menor nível de diversificação. Um fator que, sem dúvida, posiciona melhor as mais diversificadas para enfrentar esta crise. Além disso, dependendo das commodities que forem exportadas, haverá economias mais ou menos afetadas.

De acordo com a atual situação do mercado internacional, a queda de preços do petróleo e dos minerais foi mais acusada que a dos alimentos. Isto explica a difícil situação de países exportadores de combustíveis fósseis cujos preços estão alcançando mínimos históricos, como Venezuela, Equador, Colômbia e Bolívia. Os países mineradores, como Peru e Chile, necessariamente também vão ressentir-se nesta nova situação. Não obstante, não se pode deixar de mencionar, além das diferenças entre os países e a natureza das exportações, uma baixa generalizada, como expressa a tabela acima.

⁶ <http://www.infolatam.com/2016/07/19/el-fmi-mejora-las-perspectivas-de-crecimiento-de-latinoamerica-en-2016-y-2017/>, 19/07/2016.

Quadro 2. Exportações de bens da América Latina e Caribe (Taxa de variação anual e bilhões de US\$, períodos selecionados)

	Bilhões de US\$			Taxas de variação (%)			
	2012	2013	2014	2002-2008	2013	2014	Acum. Junho 2015
América Latina e Caribe	1092,3	1090,5	1060,0	16,7	-0,2	-2,8	-10,9
América Latina	1071,5	1070,2	1040,9	16,6	-0,1	-2,7	-10,8
Mesoamérica	414,4	423,9	442,4	10,2	2,3	4,4	-2,3
México	370,8	380,0	397,5	10,4	2,5	4,6	-2,2
América Central	43,7	43,8	44,8	9,0	0,4	2,3	-3,4
Costa Rica	11,4	11,6	11,3	10,3	1,5	-2,6	-16,0
El Salvador	5,3	5,5	5,3	7,6	2,8	-4,0	6,0
Guatemala	10,0	10,0	10,8	10,9	0,5	7,8	3,1
Honduras	4,3	3,9	4,1	13,6	-10,4	4,7	4,4
Nicarágua	2,7	2,4	2,6	17,5	-10,3	9,7	-2,6
Panamá	0,8	0,8	0,8	7,3	2,7	-3,0	-14,8
República Dominicana	9,1	9,6	9,9	4,1	5,5	3,6	-16,3
América do Sul	657,1	646,4	598,5	22,1	-1,6	-7,4	-17,7
Argentina	80,2	81,7	71,9	18,2	1,8	-11,9	-17,9
Bolívia	11,8	12,2	12,9	31,7	3,3	5,6	-30,3
Brasil	242,6	242,0	225,1	21,9	-0,2	-7,0	-14,7
Chile	77,8	76,5	75,7	23,5	-1,7	-1,0	-12,2
Colômbia	60,1	58,8	54,8	21,1	-2,2	-6,8	-31,2
Equador	23,8	24,8	25,7	24,6	4,6	3,6	-26,8
Paraguai	7,3	9,4	9,7	18,4	29,5	2,4	-17,6
Peru	47,4	42,9	39,5	26,1	-9,6	-7,8	-15,8
Uruguai	8,7	9,1	9,2	21,3	4,1	1,0	-15,1
Venezuela	97,3	89,0	74,0	23,5	-8,6	-16,8	n. d.
Caribe	20,8	20,3	19,1	24,3	-2,7	-5,5	-14,9
Bahamas	0,8	0,8	0,8	10,3	-2,0	4,6	-34,6
Barbados	0,6	0,5	0,5	13,2	-18,7	1,4	-7,5
Belize	0,4	0,4	0,4	10,6	2,2	-13,6	2,4
Guiana	1,1	1,1	1,1	7,0	0,0	8,8	-0,8
Haiti	0,8	0,9	0,9	11,8	13,9	3,8	n. d.
Jamaica	1,6	1,5	1,5	13,8	-9,9	-1,8	-12,6
Suriname	2,6	2,4	2,1	29,5	-6,6	-10,4	-8,8
Trinidad e Tobago	13,0	12,8	11,8	29,9	-1,6	-7,5	-18,3

Fonte: BID Setor de Integração e Comércio, com dados de INTrade/DataINTAL e fontes nacionais.

Nota: n.d. significa que não há dados disponíveis.

“Não é a primeira vez que a América Latina enfrenta uma crise semelhante. Na realidade são crises cíclicas que ocorrem desde a segunda metade do século XIX”

A dinâmica interanual das exportações de bens no primeiro semestre de 2015 mostra uma erosão adicional das exportações regionais. Para os 24 países da América Latina e Caribe dos quais se conta com informação, 20 registram taxas negativas de variação, sendo os mais afetados os sul-americanos (-17,7%), como já se mencionou⁷. Igualmente, os países com maior diversificação econômica, como o Brasil, enfrentarão melhor a crise que os países que possuem praticamente um único produto de exportação e mal contam com outros produtos exportadores ou tecido industrial, como a Venezuela.

A DEPENDÊNCIA DA CHINA: UMA PERSPECTIVA A CURTO PRAZO

O nível de dependência da economia chinesa também explica que haja economias mais afetadas do que outras. Neste sentido, a América do Sul é mais dependente deste mercado e, portanto, seus indicadores

econômicos são piores do que os países centro-americanos e o México, cujas economias dependem particularmente da demanda dos Estados Unidos, que neste momento começam a desfrutar certa recuperação econômica. Estes e outros motivos explicam que, apesar de toda a região enfrentar uma situação complicada e adversa, nem todos os países estão afetados da mesma maneira. Um aspecto que se pode apreciar nos dados de crescimento do PIB, onde se põe de manifesto a heterogeneidade característica da região.

Não é a primeira vez que a América Latina enfrenta uma crise semelhante. Na realidade são crises cíclicas que ocorrem desde a segunda metade do século XIX, período em que se configura este modelo produtivo. A proposta alternativa mais importante foi a tentativa de industrialização por substituição de importações adotada na região depois da II Guerra Mundial e vigente até os anos noventa. Um modelo

⁷ BID, *Monitor de Comercio e Integración 2015: La recaída: Latinoamérica y el Caribe frente al retroceso del comercio mundial*, <https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/7243/Monitor-2015-La-reca%C3%ADa-Am%C3%A9rica-Latina-y-el-Caribe-frente-al-retroceso-del-comercio-mundial.pdf?sequence=1>. A queda agregada de 2,8% das exportações de bens da América Latina e as Caraíbas ascende ao valor nominal de US\$ 1.060 milhares de milhões. O resultado agregado apresenta divergências entre distintas sub-regiões e países. Observa-se um crescimento no México (4,6 %) e na América Central (2,3 %), com desempenhos melhores que os alcançados em 2013, e contrações mais intensas que as do ano anterior na América do Sul¹² (-7,4 %) e Caraíbas (-5,5 %). Das 26 economias incluídas no quadro 1, metade registaram uma redução das exportações em 2014. Os países com maior crescimento das exportações são Nicarágua (9,7 %), Guiana (8,8 %), Guatemala (7,8 %), Bolívia (5,6 %), Honduras (4,7 %), Bahamas (4,6 %) e México (4,6 %).¹³ Os países com maiores quedas são Venezuela (-16,8 %), Belize (-13,6 %), Argentina (-11,9 %), Suriname (-10,4 %), Peru (-7,8 %), Trinidad e Tobago (-7,5 %), Brasil (-7,0 %), Colômbia (-6,8 %), El Salvador (-4,0 %) e Jamaica (-1,8 %).

“A visão de curto prazo dominante duplicou os problemas para abordar as reformas necessárias”

com escassos resultados que em qualquer caso deu lugar a uma indústria subvencionada pelos estados e muito pouco competitiva.

No entanto, embora as limitações do modelo agroexportador e a experiência histórica permitissem adiantar o que ocorreria novamente quando baixassem os preços do mercado internacional, ainda há governos na América Latina que consideram que o mercado das matérias-primas é inesgotável e que sempre haverá demanda. Sob esta visão, o certo é que era uma autêntica “tentação” aproveitar tais recursos para favorecer, como assim se conseguiu, a diminuição da pobreza e desigualdade a curto prazo mediante políticas sociais para alguns assistencialistas.

Estas iniciativas levaram-se a cabo pela maioria dos governos da região, sem exceção alguma, fossem de direita ou de esquerda. O problema fundamental é que, com isso, não se deixou de potencializar a reprimarização das economias latino-americanas, que impediu sua diversificação e, por conseguinte, a de suas exportações. Muito pelo

contrário, deu-se até a tendência contrária como no caso da soja argentina, cujos preços cotizados favoreceram a monocultura deste produto.

A visão de curto prazo dominante duplicou os problemas para abordar as reformas necessárias, já que quando havia recursos era o momento de ter realizado fortes investimentos voltados a modificar o modelo produtivo.

Para Mario Castillo, chefe da Unidade de Inovação e Novas Tecnologias da CEPAL, “a região soube utilizar parte dos excedentes deste boom que foram reinvestidos em políticas sociais, em políticas de formação de recursos humanos e em infraestruturas... A principal debilidade é que não se compatibilizou de maneira adequada o desenvolvimento de um setor baseado na exportação de recursos naturais com um setor tecnológico que forneça valor agregado”⁸.

Os motivos são fundamentalmente dois e têm a ver, de novo, com o predomínio de uma visão de curto prazo tanto governamental quanto empresarial.

⁸ <http://www.infolatam.com/2015/10/01/mario-castillo-cepal-la-ralentizacion-economica-va-a-favorecer-la-innovacion-tecnologica/>.

“Imprescindível construir economias mais produtivas e competitivas em que prime a inovação e em que exista uma ampla diversificação de produtos”

Quanto às políticas públicas implantadas, como já se comentou, são os mesmos governos que impulsionaram a reprimarização da economia. Por outro lado, considerando que os setores de recursos naturais permitiram rentabilidades tão altas sem investimentos tecnológicos, o incentivo para criar empresas de base tecnológica tem sido muito menor.

Não é possível atrasar mais as reformas, ainda que isso implique inclusive uma mudança de mentalidade. É imprescindível construir economias mais produtivas e competitivas em que prime a inovação e em que exista uma ampla diversificação de produtos.

3. PRECISA-SE DIVERSIFICAR A ECONOMIA PARA DIVERSIFICAR AS EXPORTAÇÕES

A diversificação exportadora e o aumento de produtividade são as principais matérias pendentes. Segundo a CEPAL, apenas cinco produtos, todos primários, representaram 75% do valor dos envios regionais para a China em 2013. O investimento chinês na região reforça este padrão, já que entre 2010 e 2013 quase 90% dela se dirigiu a atividades extrativas, concretamente a mineração e hidrocarbonetos.

ESTAGNAÇÃO DA CADEIA DE VALOR

De acordo com o último informe anual deste organismo, *La Inversión Extranjera Directa (IED) en Latinoamérica y el Caribe 2016*⁹, nos últimos 15 anos o peso relativo médio dos recursos naturais no total de fluxos de IED na região passou de 16,6% e 17,1% nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente, para 22,3% no período 2010-2014. Neste quadriênio entraram na região 170 bilhões e 555 milhões de dólares em qualidade de IED para o conjunto dos setores de recursos naturais e desenvolveram-se explorações por parte das principais transnacionais mineradoras do mundo. Na opinião da secretária executiva da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), Alicia Bárcena: “Nossa região, que podia ter aproveitado melhor a explosão dos recursos naturais, no encerramento deste ciclo de auge não avançou na cadeia de valor”.

O melhor exemplo para pôr de manifesto as limitações deste modelo é a comparação com a China, que, embora seja importadora de metais comprados na América Latina, é capaz de vendê-los porque tem investido na fundição e refinação de metais, avançando assim na cadeia de valor mineral e metalúrgica.

⁹ <http://www.cepal.org/es/publicaciones/40213-la-inversion-extranjera-directa-america-latina-caribe-2016-documento-informativo>.

“Durante a década de expansão foi suficiente exportar produtos tradicionais (matérias-primas numa cesta concentrada) e nos mercados tradicionais, melhor para a China”

Este é o caso do cobre, metal que a China compra da América Latina e, por sua vez, exporta, já que aplicou uma estratégia de industrialização e desta maneira o processa e o oferece em forma de metais elaborados, com a conseguinte agregação de valor à mercadoria.

Desta maneira, tal e como afirma a secretária-geral da CEPAL, “a China tem uma política de industrialização a médio e longo prazo, uma política que pretende dar maior valor agregado às matérias-primas. Ainda quando não produz, dá valor agregado às matérias-primas que comprou e acumulou. Nós as temos, não precisamos importá-las, poderíamos ter uma política industrial baseada nestas grandes reservas de recursos naturais”. De fato, a região possui 66% das reservas mundiais de lítio, 47% de cobre, 45% de prata, 25% de estanho, 23% de bauxita, 23% de níquel e 14% de ferro. Todavia, a participação de China na produção de cobre refinado alcança 34,8% do total mundial versus 16% da América Latina e Caribe, uma região que mantém a liderança na produção de cobre de mina¹⁰.

Este, como se disse, é só um exemplo que pode ser generalizável à dinâmica que avalizam os dados gerais da região em seu conjunto. Segundo estes dados, no momento de maior congelamento dos preços das matérias-primas não houve diversificação alguma. Na realidade, os países que chegaram a novos mercados e ofereceram mais produtos não deixaram de ser matérias-primas fundamentalmente. A isso se deve acrescentar que, desde o momento da crise e a partir da contração da procura do mercado internacional, não só há um drástico recesso das exportações de produtos tradicionais para os clientes de sempre, mas as iniciativas que eram dirigidas a novos mercados ficaram paralisadas¹¹.

A contração do mercado internacional obriga a mudanças estruturais. Se durante a década de expansão foi suficiente exportar produtos tradicionais (matérias-primas numa cesta concentrada) e nos mercados tradicionais, melhor para a China. Na atualidade e sob a contração da demanda internacional, é preciso mudar a oferta

¹⁰ <http://www.cepal.org/es/noticias/impulsar-la-industrializacion-cadenas-valor-es-crucial-aprovechar-recursos-naturales-la>.

¹¹ IBID, 2015, <https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/7243/Monitor-2015-La-reca%C3%ADda-Am%C3%A9rica-Latina-y-el-Caribe-frente-al-retroceso-del-comercio-mundial.pdf?sequence=1>

“As possibilidades de modificar o modelo econômico, ainda mantendo a exploração de matérias-primas”

e buscar novos mercados. Em outras palavras, é necessário oferecer produtos com valor agregado, diversificados e em novos espaços comerciais.

4. NOVAS POSSIBILIDADES PARA UM MERCADO DIFERENTE QUE REQUER DIVERSIFICAÇÃO DE MERCADORIAS COM VALOR AGREGADO

O investimento destinado a dar valor agregado às matérias-primas contribuiria para um processo de diversificação necessário que se contempla no novo modelo de desenvolvimento sustentável da ONU¹². O exemplo da mineração ilustra muito graficamente as possibilidades de modificar o modelo econômico, ainda mantendo a exploração de matérias-primas.

RUMO A UM MODELO COMPETITIVO

O desafio não é recuperar o crescimento da década passada, mas conseguir o desenvolvimento. É necessária uma mudança estrutural no modelo de desenvolvimento baseada na competitividade que se conseguiria mediante a educação qualificada, infraestruturas ou investimento em altas tecnologias a fim de chegar a diversificar o aparato produtivo para poder dar maior valor às matérias-primas e, em última instância, ser mais competitivos no mercado internacional.

As opções inevitavelmente levam a mudar o modelo produtivo, já que não é possível tentar continuar vivendo das matérias-primas. Não seria a opção mais realista, nem a melhor. Em primeiro lugar, porque não se vislumbra a curto prazo uma potência interessada no volume de matérias-primas tal e como tem feito a China, por exemplo, na última década. De fato, não deixa de se insistir no retardamento da economia mundial e todas as previsões confirmam isso. Em segundo, por este modelo econômico não ser sustentável, ainda no suposto caso de que exista uma nova potência similar, mais tarde ou mais cedo se retornaria a uma situação de crise, como a que está acontecendo neste momento. Com um problema a mais, enquanto isso, o resto do mundo teria avançado e a região latino-americana não o teria feito devido às características apresentadas por este modelo econômico.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E INTEGRADOR

Definitivamente as exigências atuais do mercado obrigam a mudar também as referências para medir o bem-estar. Durante muito tempo a perspectiva quantitativa era o critério mediante o qual se media o desenvolvimento. De acordo com ela, o PIB era uma referência transcendental. Há alguns anos isso não é suficiente. Em primeiro

¹² Horizontes 2030: la igualdad en el centro del desarrollo sostenible, CEPAL, <http://www.cepal.org/es/acerca-de-la-agenda-para-el-desarrollo-post-2015>

“O crescimento das exportações não se deveu à oferta de novos produtos, mas à oferta de produtos de sempre para novos mercados”

lugar, porque o conceito de desenvolvimento se modificou e, em segundo, porque para conseguir tal desenvolvimento são necessários outros fatores, como a competitividade. Este conceito de desenvolvimento pretende ser fundamentalmente sustentável e inclusivo. E para isso é imprescindível conseguir a diversificação econômica mediante a competitividade.

Tomando como referência os dados do Informe Global de Competitividade 2015-2016, põe-se de manifesto que o crescimento econômico, apesar de ser espetacular, não é suficiente, pois não garante um desenvolvimento sustentável nem inclusivo. A comparação dos dados de crescimento com os de competitividade põe em evidencia esta questão, já que demonstra que, na realidade, apesar dos dados positivos do PIB, a região estancou nos últimos cinco anos. Dentro da posição intermediária que a América Latina ocupa em relação ao resto dos países do mundo, é interessante comprovar que o índice de competitividade mal variou nos anos de grande crescimento. Desta forma, apesar do crescimento, persistiu “um funciona-

mento fraco das instituições, infraestruturas deficientes e a ineficácia na distribuição de fatores de produção”. Essas deficiências, que acusam o conjunto das economias latino-americanas, explicam os dados de competitividade expostos devido à brecha em matéria de formação, tecnologia e inovação “que impede muitas companhias e nações de avançar para atividades de maior valor agregado”¹³.

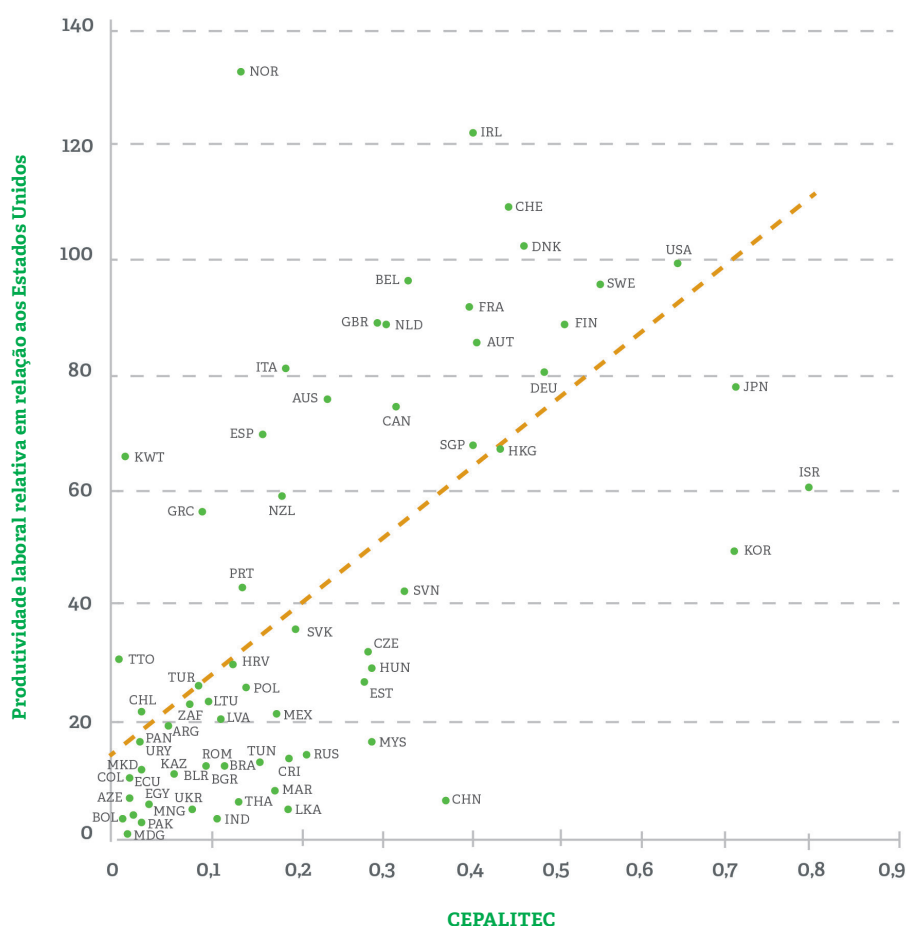
Se tomamos como referência algumas economias pequenas e medianas da região, é verdade que galgaram posições competitivas no mercado mundial inclusive durante o mais recente estancamento exportador. Contudo, o crescimento das exportações não se deveu à oferta de novos produtos, mas à oferta de produtos de sempre para novos mercados. A maioria dos países da região não conseguiu avanços importantes na oferta de diversificar seus produtos em busca de novas procuras.

Para isso é preciso realizar importantes investimentos focados em tecnologia para alcançar os níveis necessários de produtividade que, por sua vez, tornem competitivos os

¹³ Relatório Global de Competitividade, 2015-2016, CLADCDS, <http://www.incae.edu/es/nuestros-proyectos/clacds/informe-global-de-competitividad-2015-2016.php>. En el ranking regional las posiciones son las siguientes: En la parte superior Chile (35), seguido por Panamá (50) y Costa Rica (52). México y Colombia que se acercan rápidamente a los tres primeros mejorando cuatro y cinco posiciones, respectivamente. Destacan los avances de Colombia +5 (61°), México +4 (57°), Uruguay +7 (73°) y Honduras +12 (88°). Once países muestran retrocesos. Chile -2 (35°) Panamá -2 (50°), Costa Rica -1 (52°), Brasil -18 (75°), El Salvador -11 (95°), Argentina -2 (106°), Nicaragua -9 (108°), Bolivia -12 (117°), Guyana -4 (121°), Venezuela -1 (132°)

Três países latino-americanos registam quedas acentuadas este ano: Bolívia, Brasil e El Salvador. Os três sofrem de deterioração das instituições e de baixa estabilidade dos resultados macroeconômicos. No fundo da região estão Venezuela (132) e Haiti (134).

Quadro 3. Economias seleccionadas: produtividade laboral relativa com respeito aos Estados Unidos e índice de intensidade tecnológica, 2012.



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), sobre a base da Base de Dados Estatísticos das Nações Unidas sobre o Comércio de Produtos Básicos (COMTRADE), e dados do Escritório de Patentes e Marcas dos Estados Unidos (USPTO), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia Ibero-Americana e Interamericana (RICYT) e a CEPAL.

Nota: El CEPALITEC é uma média não ponderada de três indicadores normalizados entre zero e um: as exportações de alta e média tecnologia como percentagem das exportações totais (exportações de alta tecnologia segundo a classificação de Lall), o número de patentes por milhão de habitantes e as despesas em investigação e desenvolvimento como percentagem do PIB.

produtos da região em mercados com demanda sustentável. Uma exigência que não deixa de ser um desafio quando se contempla a situação da região no âmbito tecnológico.

A TRANSFORMAÇÃO TECNOLÓGICA, O GRANDE DESAFIO

O ponto de partida não é fácil se comparamos dados em relação com países como os Estados Unidos. Para fechar a brecha de produtividade entre os países da região e o mundo desenvolvido, é mister incorporar atividades e setores com mais intensidade tecnológica à estrutura produtiva dos países que ficaram para trás. No seguinte gráfico contempla-se a produtividade relativa de diversos países com respeito aos Estados Unidos e um indicador de intensidade tecnológica (CEPALITEC) que combina informação sobre as exportações de alta tecnologia, as patentes, os gastos com investigação e desenvolvimento e o peso das engenharias no valor agregado manufatureiro.

Os países da América Latina estão concentrados no ângulo inferior esquerdo do gráfico, com pouca intensidade tecnológica e baixa produtividade relativa. Seus níveis de produtividade refletem o maior peso dos recursos naturais na hora de sustentar a produtividade em comparação com o capital humano¹⁴.

¹⁴ IBID, 2015, <https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/7243/Monitor-2015-La-reca%C3%ADda-Am%C3%A9rica-Latina-y-el-Caribe-frente-al-retroceso-del-comercio-mundial.pdf?sequence=1>.

“Talvez a chave se encontre no conceito de economia circular mais que no âmbito produtivo onde seja preciso investir”

A comparação põe de manifesto que a transformação a realizar, ainda que imprescindível, só se deve realizar a médio e longo prazo, já que implica uma mudança inclusive de mentalidade. A visão e o conceito de desenvolvimento vão além de onde se deve centrar a atividade econômica, mas também como se deve realizar. Por isso é conveniente insistir em que para a necessária mudança estrutural não é preciso nem abandonar a exportação nem a atividade produtiva no setor primário, nem tampouco concentrar o desenvolvimento no setor secundário e conseguir uma indústria nacional.

REFORMA DA MATRIZ PRODUTIVA

Desde o século XX tem-se debatido se a atividade econômica deve centrar-se na exportação de produtos agrícolas ou no desenvolvimento de uma indústria nacional. Os desafios atuais são diferentes; a solução não passa necessariamente pela implantação de uma industrialização. A atividade econômica pode permanecer vinculada à exportação de produtos agrícolas, se bem que os produtos para a exportação têm de ter alto valor agregado e para uma diversidade de mercados. Não se trata necessariamente de modificar a matriz produtiva, mas sim o modelo econômico baseado na diversificação da economia e outorgar aos produtos valor agregado. Para isso precisa-se de educação,

tecnologia e infraestrutura, o que, em última instância, tornaria possível a diversificação das exportações.

Talvez a chave se encontre no conceito de economia circular mais que no âmbito produtivo onde seja preciso investir. Em efeito, é preciso implantar este conceito de economia a fim de se assegurar um melhor uso dos recursos naturais da região. Investindo nos âmbitos contemplados é possível evitar que os recursos naturais e minerais, como, por exemplo, o ouro, cobre, prata...etc. saiam em bruto da região.

O objetivo não é só evitar esgotar as reservas de matérias-primas, mas também evitar que não se empreguem em outros setores para se garantir a criação de tal economia circular, já que, até agora, tudo se exporta tal como se extrai. Sob este conceito de economia supera-se um debate que até o momento não oferecera grandes soluções, pois até não muito tempo atrás a discussão girava em torno da atividade econômica, se agrícola ou industrial, onde o desenvolvimento devia se centrar.

Em outras palavras, as mudanças a introduzir não significam necessariamente a transformação da matriz produtiva, mas sua reforma. Isto significa que a América Latina pode ser competitiva e desenvolver uma economia sustentável, mantendo inclusive economias

“Não é necessário renunciarem nem ao setor primário nem à exportação, mas é imprescindível acabar com a monodependência produtiva e com a dependência da China”

eminentemente agrícolas ou mineradoras. Mas qualquer que seja a atividade econômica, é preciso dar valor agregado aos produtos e garantir margens de diversificação. Para isso, o conhecimento, a tecnologia e a qualificação da mão de obra são elementos fundamentais.

INTEGRAÇÃO COMERCIAL REGIONAL

Outro dos aspectos-chave neste sentido, como reconhece a própria secretária executiva da CEPAL, Alicia Bárcena, é a integração regional, pois através dela multiplicam-se as possibilidades de aumentar mercados e proporcionar capacidade negociadora à região, neste caso perante outras potências extrarregionais, como a China, principal cliente durante esta década passada da região.

Não obstante, em termos mais gerais, apesar dos avanços para alcançar numerosos acordos comerciais bilaterais e acordos entre subgrupos de países, a região não se aprofundou o necessário em integração. A potencialidade do mercado regional não está desenvolvida e, apenas umas poucas empresas participam das cadeias de valor na região, o que, por sua vez, limita sua participação nas cadeias globais de valor. O comércio inter-regional é na atualidade de 17%, enquanto o de outras regiões, como a Europa, é de 68%; o da Ásia, de 52%; e o da África, de 10%.

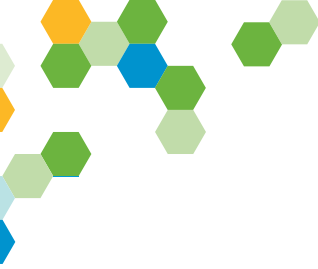
Um dos motivos é o problema de conectividade devido à falta de infraestruturas. É necessário melhorar aeroportos, portos, transporte rodoviário e ferroviário e outras infraestruturas como as relativas à água ou ao saneamento. A criação de um mercado comum regional permitiria às empresas explorar uma maior escala, ajudando-as a competir mais efetivamente com os atores globais.

5. AS ECONOMIAS LATINO-AMERICANAS DEVEM CONTINUAR OLHANDO PARA O EXTERIOR

Não é necessário renunciarem nem ao setor primário nem à exportação, mas é imprescindível acabar com a monodependência produtiva e com a dependência da China. Esta necessidade obriga-os a ser mais competitivos, produtivos e inovadores, para o que, por sua vez, é imperioso investir em capital humano (educação) e em capital físico (infraestruturas).

O NOVO SISTEMA DE RELAÇÕES COMERCIAIS

Para todos estes investimentos precisa-se de parceiros e para isso não se pode também prescindir de potências extrarregionais. Em coerência com o exposto, certamente as economias latino-americanas devem continuar voltadas para o comércio internacional e seguir bem de perto a demanda de potenciais clientes



“É preciso analisar o mercado internacional e desenvolver a atividade produtiva que demande tal mercado”

extrarregionais, seja a China, a Europa ou os Estados Unidos. A chave está em modificar os termos das relações comerciais. “O que aprendemos até agora é que o comércio mundial ou o recebimento de investimentos estrangeiros diretos não são suficientes. Deve-se fazer mais para aproveitar plenamente esse comércio e investimento”. Esse aproveitamento só se dará se a relação entre a América Latina e possíveis parceiros, como a China, for “mais simétrica”. Sob esta nova relação se favoreceria “um modelo que seria mais competitivo, de inserção em cadeias globais com mais valor agregado, mais tecnologia, mais inovação e criação de emprego de melhor qualidade”, como declarou Enrique García, presidente do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF).

DIVERSIFICAÇÃO E VALOR AGREGADO: NOVOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Diversificar produtos e mercados de exportação e fornecer maior valor agregado às vendas no exterior é uma tarefa fundamental. Sob estes critérios é preciso analisar o mercado internacional e desenvolver a atividade produtiva que demande tal mercado. Neste sentido não se deve renunciar à produção agrícola, pois sob os critérios formulados ela pode ser uma alternativa competitiva.

Por conseguinte, a agricultura e a agroindústria são um mercado cheio de oportunidades para a região latino-americana, máxime para sociedades com uma classe média consolidada ou em crescimento, como nas potências emergentes, e que são eminentemente urbanas. Este grupo social requer uma dieta diversificada e de qualidade e por este motivo se observa um aumento da procura por proteínas, alimentos processados, maiores exigências de qualidade e propriedades especiais.

O setor de serviços é outro âmbito de grandes oportunidades que a região tampouco pode desaproveitar, como o turismo focado igualmente na classe média. Um extraordinário potencial que, no entanto, mal começou a ser explorado.

De acordo com este novo mercado e suas numerosas oportunidades, deve-se entender a transformação econômica que bem ocorrer sem mudar a matriz produtiva, mas sim assegurando a diversificação, a agregação de valor e o processamento de produtos agrícolas, para o qual será preciso conhecimento, tecnologia, infraestrutura produtiva, transporte e logística.

S/A LLORENTE & CUENCA

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e diretor geral corporativo de
Talentos, Organização e Inovação
acorujo@llorenteycuenca.com

Tomás Matesanz
Diretor geral corporativo
tmatesanz@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e diretor geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e diretor geral
gpanadero@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO DE TALENTO

Daniel Moreno
Diretor de Talento
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de Talento
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Eva Pérez
Gerente de Talento
para América do Norte, América
Central e Caribe
eperez@llorenteycuenca.com

Karina Sanches
Gerente de Talento para
Cone Sul
ksanches@llorenteycuenca.com

ESPANHA E PORTUGAL

Barcelona

María Cura
Sócia e diretora geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e diretor sénior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Latam Desk
Claudio Vallejo
Diretor sénior
cvallejo@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Ana Folgueira
Diretora geral de Impossible Tellers
ana@impossibletellers.com

Impossible Tellers
Diego de León, 22, 3º izq
28006 Madrid
Tel. +34 91 438 42 95

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
mmartins@llorenteycuenca.com

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00



Sergio Cortés
Sócio. Fundador e presidente
scortes@cink.es

Calle Girona, 52 Bajos
08009 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

EUA

Miami

Erich de la Fuente
Sócio e diretor geral
edela Fuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nova Iorque

Latam Desk
Lorena Pino
Consultora sénior
lpino@llorenteycuenca.com

Abernathy MacGregor
277 Park Avenue, 39th Floor
New York, NY 10172
Tel. +1 212 371 5999 (ext. 374)

Washington, DC

Ana Gamonal
Diretora
agamonal@llorenteycuenca.com

10705 Rosehaven Street
Fairfax, VA 22030
Washington, DC
Tel. +1 703 505 4211

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Cidade do México

Juan Rivera
Sócio e diretor geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

Havana

Pau Solanilla
Diretor geral para Cuba
psolanilla@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Panamá

Javier Rosado
Sócio e diretor geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis
Edifício Omega - piso 6
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Luisa García
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Bogotá

María Esteve
Diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B - of. 501
Tel. +57 1 7438000

LIMA

Luis Miguel Peña
Sócio e diretor sénior
lmpena@llorenteycuenca.com

Humberto Zogbi
Presidente
hzogbi@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Alejandra Rivas
Diretora geral
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edifício World Trade
Center - Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e gerente geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e diretor geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Daniel Valli
Diretor sénior de Desenvolvimento
de Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor executivo
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Marco Antonio Sabino
Sócio e presidente Brasil
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390



d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe **Desenvolvendo Ideias** na LLORENTE & CUENCA

www.desenvolvendo-ideias.com

www.revista-uno.com.br